

Maria Montessori: a médica que reinventou a infância

Por Cristiano Ricardo · Publicado em 15/01/2026

Maria Montessori enfrentou preconceito de gênero para se formar médica na Itália, e depois abandonou a medicina convencional para criar um método educacional revolucionário. Sua história une saúde, educação e uma visão radical sobre o respeito à criança.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://professor.cristianoricardo.com/post/maria-montessori-a-medica-que-reinventou-a-infancia>

Maria Montessori foi uma das primeiras mulheres a se formar em medicina na Itália, em 1896, num ambiente universitário tão hostil que ela precisava, segundo relatos da época, esperar os colegas homens saírem da sala de dissecação para entrar sozinha depois, porque a presença de uma mulher diante de cadáveres era considerada imprópria. Formou-se apesar disso, tornou-se médica, e começou a trabalhar com crianças com deficiência intelectual numa clínica psiquiátrica em Roma, observando algo que ninguém mais parecia notar com a mesma atenção. Aquelas crianças, tratadas por todos como incapazes de aprender, respondiam de forma notável quando recebiam materiais sensoriais específicos, manuseáveis, pensados para o próprio ritmo delas.

Foi dessa observação clínica, não de teoria pedagógica abstrata, que nasceu o método Montessori. Ela aplicou depois às crianças ditas normais os mesmos princípios que via funcionar com crianças negligenciadas pelo sistema educacional da época, e os resultados surpreenderam a comunidade científica europeia. Crianças pequenas, com liberdade de escolher suas próprias atividades dentro de um ambiente preparado com cuidado extremo, aprendiam a ler, escrever e calcular anos antes do esperado, sem coerção, sem punição, sem a rigidez das salas de aula tradicionais daquele início de século vinte.

Montessori não foi isenta de contradições que merecem ser ditas com honestidade. Em determinado momento de sua vida, chegou a apoiar publicamente o regime fascista de Mussolini, na esperança de que o governo expandisse seu método pelas escolas italianas, um erro de julgamento político que ela reverteria mais tarde, rompendo com o fascismo e sendo forçada ao exílio. Também manteve, por razões que os biógrafos ainda discutem, distância considerável do próprio filho, Mario, nascido fora do casamento, criado inicialmente por uma família adotiva enquanto ela protegia a reputação profissional. A mulher que revolucionou o cuidado com a infância teve, ela mesma, uma relação complicada com a própria maternidade.

Essa tensão entre genialidade profissional e vida pessoal imperfeita conecta Montessori a Marie Curie, contemporânea dela, também mulher pioneira em campo dominado por homens, também dividida entre a dedicação absoluta ao trabalho e as exigências da vida familiar. As duas provaram, cada uma no próprio campo, que competência científica rigorosa não é incompatível com sensibilidade profunda, mas também mostraram que o preço dessa dedicação raramente é

pago de forma igual entre homens e mulheres na história da ciência e da educação.

Há também um paralelo direto e evidente com Paulo Freire, décadas depois. Os dois acreditavam que o ambiente de aprendizagem, mais do que o conteúdo transmitido, era o verdadeiro motor da educação. Freire dizia que ninguém educa ninguém sozinho. Montessori dizia algo semelhante através da prática, que a criança se educa a si mesma quando o adulto tem a humildade de preparar o ambiente certo e depois se afastar, confiando no processo. Débora Garófalo, décadas mais tarde ainda, transformando lixo eletrônico em ferramenta pedagógica dentro de uma escola pública periférica, aplica essa mesma lógica de confiar no potencial da criança quando o ambiente, mesmo escasso, é preparado com intenção.

Para a saúde, o legado de Montessori vai além da educação em si. Ela entendia, com formação médica que poucos educadores tinham, que desenvolvimento motor, sensorial e cognitivo caminham juntos na primeira infância, e que negar movimento, autonomia e estímulo sensorial adequado a uma criança pequena tem consequência direta sobre seu desenvolvimento neurológico. Essa compreensão, revolucionária havia mais de cem anos, hoje é confirmada repetidamente pela neurociência do desenvolvimento infantil, validando cientificamente o que ela intuiu observando crianças com atenção que quase ninguém mais oferecia.

Fica então uma pergunta que atravessa gerações de pais, educadores e profissionais de saúde infantil. Quanto do potencial de uma criança permanece invisível simplesmente porque o ambiente ao redor dela nunca foi preparado com a paciência e o respeito que Montessori insistia serem o mínimo necessário para deixar essa criança florescer?